

## **Empresas negociam craques do futuro**

*Andrew Downie*

Alguns amigos de trabalho estão sentados em seu escritório aqui em uma manhã de segunda-feira recente. Eles analisam as partidas de futebol do final de semana e escolhem os melhores jogadores.

Um dos homens gosta de um zagueiro. Um outro quer um jogador que tem marcado gols com regularidade para um time da segunda divisão. E o chefe está entusiasmado para contratar um defensor adolescente cujo contrato vai terminar logo.

Isso poderia ser uma seleção de futebol que aconteceria na fantasia em qualquer escritório nos Estados Unidos – só que essas negociações são reais. Esse é o escritório da Traffic, empresa brasileira que lidera uma nova e controversa onda de investimentos no futebol brasileiro.

Munida de R\$ 20 milhões de recursos próprios (cerca de US\$ 12 milhões) e mais R\$ 20 milhões que ela espera obter dos investidores, a Traffic fecha contratos de jovens jogadores de futebol por todo o Brasil. Então ela empresta os jogadores para os times, que pagam um salário a eles. Se forem recrutados por um grande time europeu, a Traffic e seus sócios ficam com a maior parte da taxa de transferência. (o jogador, como sempre, fica com todos os bônus relativos à contratação e freqüentemente com um salário altíssimo.)

Em vez de investir no mercado de ações ou no setor imobiliário", Julio Mariz, presidente da Traffic, disse "essas pessoas investem na compra dos direitos econômicos sobre os jogadores de futebol."

Esforços parecidos para investir em atletas individuais têm sido alvos de discussões recentemente no beisebol nos Estados Unidos e no futebol no Reino Unido, mas nenhum desses esforços decolou como no Brasil.

Os acordos são passíveis de questionamento. O órgão internacional que administra o futebol proibiu o envolvimento de terceiros nas transferências. Mas, sem o investimento vindo do exterior, muitos clubes brasileiros iriam à falência.

Vários fundos como a Traffic apareceram durante o último ano, e algumas importantes companhias brasileiras - inclusive redes de supermercados - passaram a criar departamentos de futebol para investir em jovens jogadores.

"Temos investido US\$ 10 milhões por ano, mas o valor cresce rapidamente porque há muito lucro a ser obtido", disse Thiago Ferro, sócio do departamento de investimento em futebol da rede de supermercados do grupo Sonda. "Temos obtido retorno de 150% ao ano."

No futebol, os clubes foram, um dia, donos dos direitos econômicos sobre o jogador sob contrato com seu time. Se outro clube quisesse contratar o jogador, ele tinha de pagar ao seu time atual uma taxa de transferência, além de chegar a um acordo com o jogador.

Mas, recentemente, a capacidade de agir livremente tomou conta do mundo do futebol e enquanto os contratos dos jogadores ainda são mantidos pelos times, como as regras internacionais estipulam, os investidores se envolvem cada vez mais.

O novo modelo é atraente para os investidores porque uma grande venda pode garantir um retorno espetacular. A Traffic prevê retorno de 30% ao ano, diz Mariz. O grupo Sonda espera resultados maiores porque, diferentemente da Traffic, vai atrás de alguns grandes negócios em vez de ir atrás de um grande número de jogadores de nível mediano. O retorno projetado pelo Grupo Sonda é mais alto porque a estratégia é mais arriscada. ]

A Traffic paga dividendos a cada seis meses, levantados a partir das negociações dos jogadores. Quando um jogador é comercializado, os investidores repartem a taxa de transferência com os clubes, de acordo com a sua porcentagem do título de propriedade. Os

clubes brasileiros abraçam o novo modelo de investimento porque conseguem levantar dinheiro sem ter de comercializar seus jogadores tão rapidamente ou com tanta frequência. Quando eles, inevitavelmente, comercializam os jogadores, as enormes somas, que chegam à US\$ 50 milhões, garantem a sobrevivência dos clubes.

"Se quisermos ter um time decente, precisamos de ajuda financeira", disse Carlos Augusto Montenegro, vice-presidente do Botafogo, clube que tem pelo menos seis jogadores emprestados dos fundos ou de investidores individuais.

"Sabemos que estão nos usando como uma vitrine, mas isso é bom para o jogador, bom para o agente e bom para o Botafogo", ele disse.

No ano passado, o Bayern de Munique gastou US\$ 19 milhões com Breno Vinicius Borges, um zagueiro de 18 anos de idade que havia jogado apenas 22 partidas pelo São Paulo. O Milan da Itália pagou uma taxa parecida pelo atacante de 17 anos do Internacional, Alexandre Pato, hoje na seleção olímpica do Brasil.

Não são somente os gigantes nas ligas da Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha que querem brasileiros. No ano passado, 1.085 jogadores brasileiros foram transferidos para lugares tão diversos quanto o Vietnã, o Qatar e as Ilhas Faroe, de acordo com a Federação Brasileira de Futebol.

Foram esses números que impeliram a Traffic a agir, disse Mariz. A firma sediada em São Paulo nasceu nos anos 80 com a venda de espaços publicitários nos campos de futebol. Mudou para o marketing esportivo e para a administração de torneios e agora é dona dos direitos de transmissão para muitos dos maiores torneios de futebol da América do Sul.

Ela recentemente mudou o foco para investir mais pesado no lado dos jogos. Além de comprar dois times, a Traffic formou no ano passado um fundo chamado Cedro Participações, usando US\$ 12 milhões de investimento própria empresa. Desde então, 18 pessoas compraram, cada uma, uma ou mais ações no valor de US\$ 120 mil, levando a cifra total do fundo a mais de US\$ 20 milhões.

Pretende-se que o fundo opere por três anos, o mesmo intervalo de tempo de um contrato comum. A Traffic sempre mantém 50% da participação, disse Mariz.

Até agora o fundo comprou todos ou parte dos 36 jogadores, e 12 deles foram para o Palmeiras, principal parceiro da Traffic no empreendimento.

Os executivos da Traffic se reúnem com os diretores do Palmeiras pelo menos uma vez por mês para discutir a lista do clube. A Traffic dá ao Palmeiras listas de jogadores disponíveis. O Palmeiras também pode pedir a ajuda da Traffic para garantir uma estrela em particular.

Mas também há aspectos negativos, especialmente para os fãs. Os investidores podem se ver tentados a vender um jogador tão logo seu valor aumente, desfalcando o time de uma figura em um momento vital. Caso os fundos controlem jogadores em times opostos, vai parecer haver conflito de interesses. Além disso, muitos torcedores temem que pessoas sem ligação emocional com um clube possam exercer controle demasiado.

Gilberto Cipullo, vice-presidente do Palmeiras, disse que a Traffic não pode vender jogadores durante períodos vitais da temporada e afirmou que, se o valor de um jogador disparar, ele será vendido de qualquer maneira.

Ainda assim, o envolvimento de terceiros é controverso. Um escândalo na Europa, relacionado a jogadores argentinos transferidos do Corinthians para a Inglaterra em 2006, levou a FIFA, o órgão que administra o futebol, a banir, em janeiro, a possibilidade de que terceiros fossem donos de jogadores.

A Traffic contorna essa lei contratando todos os jogadores por meio de seu pequeno clube, o Desportivo Brasil, e os emprestando a times sócios como o Palmeiras, disse Mariz. O Grupo Sonda cede todos os direitos, exceto em relação àqueles sobre ganhos financeiros futuros, ao grupo participante, disse Ferro.

O porta-voz da FIFA disse que a instituição não havia investigado o sistema brasileiro porque nenhum "caso formal foi trazido à nossa atenção."

"Está claro que eles não devem fazer isso, e isso vai contra os regulamentos", disse o porta-voz da FIFA, citando a regra de janeiro, que afirma que "nenhum clube deve estabelecer um contrato que permita que qualquer outra parte participe desse mesmo contrato ou que terceiros possam vir a influir em questões relacionadas ao emprego ou a transferências, sua independência, suas políticas ou o desempenho de seus times."

Os gerentes de fundos no Brasil disseram trabalhar dentro da lei e enfatizaram que não têm planos de parar seus negócios. Com os clubes desesperados por dinheiro, e investidores desesperados por lucro, a tendência parece pronta a continuar.

"Há alguns indivíduos irresponsáveis que só querem ter um lucro de curto prazo", disse o presidente da Associação Brasileira de Agentes de Futebol, Leo Rabello. "Mas, se for feito de maneira apropriada, então isso vai mudar o futebol. Investimentos vão vir para o Brasil."

---

Leia mais:

### **Thomson Reuters divulga receita**

A companhia global de notícias e informações Thomson Reuters anunciou uma taxa menor de crescimento trimestral de suas receitas na divisão de mercados, uma vez que a crise de crédito dos Estados Unidos gerou grande impacto sobre os bancos globais de investimento.

Mesmo assim, a empresa confirmou sua perspectiva para o ano, citando sua força na divisão profissional, que vende dados e ferramentas para contadores, advogados, e outros profissionais de áreas como tributária e saúde.

As ações da empresa, que ganharam 13% desde o início de agosto, chegaram a cair 7,1% em Londres. Analistas disseram que o verdadeiro teste virá no fim do ano, quando os clientes vão definir seus orçamentos para 2009. Na bolsa de valores de Toronto, os papéis da empresa chegaram a recuar 4,1% logo após a abertura do mercado.

A empresa informou que a receita pro forma cresceu 11% no segundo trimestre, na comparação com o mesmo período do ano passado, para US\$ 3,4 bilhões.

No primeiro trimestre do ano, o crescimento foi de 12%, para US\$ 3,3 bilhões.

Os resultados pro forma consideram que a Thomson e a Reuters já operavam como uma única companhia no segundo trimestre do ano passado.

A Thomson completou a compra da Reuters em abril deste ano por cerca de US\$ 16 bilhões em dinheiro e ações, com o objetivo de expandir suas operações da América do Norte para o resto do mundo, ao mesmo tempo em que ajudava a Reuters a diminuir sua exposição aos mercados financeiros.

Analistas e acionistas já esperavam crescimento menor na divisão de mercados, que inclui a Reuters e as operações de notícias da Thomson, além de dados e ferramentas para bancos de investimento e outras empresas do setor financeiro. A receita da divisão de mercados cresceu 12%, para US\$ 2,1 bilhões, mas a taxa de crescimento orgânico que exclui o impacto da flutuação cambial e de aquisições e que é monitorada com atenção avançou 7%, menos do que os 9% do primeiro trimestre.

Analistas esperavam crescimento orgânico entre 7% e 8% na divisão de mercados, afetada pela crise nas hipotecas de alto risco dos Estados Unidos e na piora das condições de crédito que levou a milhares de demissões nas empresas de serviços financeiros que usam produtos da Thomson Reuters.

**Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 14 ago. 2008, Comunicação, p. C8.**

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.